

Regional

MEIO AMBIENTE

Ajuda para salvar o Rio Itabapoana

Lideranças do Estado, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro vão se unir para socorrer o rio, hoje poluído e assoreado

Alessandro de Paula

Lideranças de 18 municípios capixabas, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro vão se unir para tentar salvar o Rio Itabapoana, importante manancial que nasce na forma cristalina na Serra do Caparaó e deságua em Presidente Kennedy, poluído e assoreado.

O pontapé inicial será dado em agosto, com um seminário em Presidente Kennedy para debater os problemas e soluções para o rio, que é o divisor natural dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

“O rio está definhando a olhos vistos. Está mais poluído, as matas ciliares praticamente não existem e o volume de água diminuiu, principalmente nos últimos 10 anos”, disse o porta-voz do grupo criado para elaborar o seminário, Antônio Miranda.

Segundo ele, algumas empresas já demonstraram interesse em intervir, como o Porto Central, que está se instalando em Presidente Kennedy e pretende produzir e distribuir mudas para reflorestar o entorno do rio.

“O rio chega aqui poluído, assoreado e com reduzido volume de água. Ele é vital para Presidente Kennedy, em função dos grandes projetos que se instalam e para abastecer de água potável nossa população”, disse a prefeita Amanda Quinta.

Braços de água formados pelo rio desapareceram. Para comprovar, o pescador Ezilmar Mota da Silva, 24 anos, passou de moto com o primo Franklin Nascimento

EM ALGUNS PONTOS, no município de Presidente Kennedy, o rio praticamente desapareceu



PESCADORES em frente ao Rio Itabapoana: com o nível da água baixando, quem vive da pesca passa dificuldades

Martins, 19, num trecho onde costumava pescar.

O presidente da Colônia de Pesca Z-14, Carlos Roberto Belonia, 47 anos, que representa 280 pescadores, defende uma parceria urgente entre poder público e empresa privada para socorrer a categoria e repovoar o Itabapoana.

“É preciso, juntos, construirmos maneira sustentável para o pescador sobreviver, reflorestar as matas e repovoar o rio”, defendeu.

A ambientalista Dalva Ringuier defendeu a criação de um comitê da bacia do Rio Itabapoana, um órgão gestor com poderes para captar recursos junto às empresas e órgãos federais e investir na preservação do rio. “O seminário será um bom fórum para discutir o assunto”, afirmou.

SAIBA MAIS



INVESTIR EM reflorestamento para conter o assoreamento é uma das soluções apontadas para salvar o rio

Os problemas

SUMIÇO DE PEIXES

> PESCADORES reclamam do desaparecimento dos peixes. Além do prejuízo ambiental, a escassez prejudica a vida de quem vive da pesca. Muitos largaram a profissão.

ASSOREAMENTO

> A AUSÊNCIA das matas ciliares causadas pela expansão das pastagens e crescimento urbano está assoreando o Rio Itabapoana, atrapalhando a passagem de barcos.

POLUIÇÃO

> O RIO Itabapoana recebe o esgoto de 18 cidades. A estimativa é de que menos de 10% delas não dispõem de tratamento de esgoto.

POUCA ÁGUA

> QUEM acompanha o manancial alerta para a redução no volume de água e afirma que em locais antes profundos hoje é possível atravessar caminhando.

As propostas

TURISMO

> TRANSFORMAR a área alagada pela Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Pedra do Garrafão, em Mimoso, num parque aquático com passeio de barcos, jet ski e pedalinho, banho, restaurante e pousada.

CRIAÇÃO DE PEIXES

> CONSTRUIR tanques-rede para criação de peixe em áreas do Rio Itabapoana para atender famílias de pescadores. Reduzindo a pesca, a tendência é aumentar os cardumes.

REFLORESTAMENTO

> RECONSTRUIR parte das matas ciliares como forma de conter o assoreamento, abastecer os lençóis freáticos e ajudar a vida aquática.

COMITÊ

> PARA implantar as políticas de conservação do manancial é preciso a criação de um órgão gestor: o Comitê da Bacia do Rio Itabapoana.

LOCALIZAÇÃO

Onde fica



Curiosidades

> COM 264 KM DE EXTENSÃO, o Itabapoana é formado pelo encontro dos rios Preto e São João. Suas cabeceiras nascem na Serra do Caparaó e o rio deságua no mar de Presidente Kennedy, fazendo divisa com o Rio de Janeiro.

> A BACIA DO ITABAPOANA abrange uma área de 4.875,46 km² e possui uma população de 249 mil habitantes.

> AO LONGO dos anos, a área próxima às margens foi desmatada para abertura de pastagens e construção de cidades.

> AS CORREDEIRAS incentivaram a criação de usinas. São cinco em funcionamento: Usina do Rosal e as PCHs Pirapetinga e Calheiros, em São José do Calçado, além das PCHs Pedra do Garrafão e Franca Amaral, em Mimoso do Sul. Duas novas PCHs foram autorizadas.

Área alagada pode dar lugar a um parque aquático

Uma das soluções para aproveitar o rio é transformar o trecho situado logo acima da Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Pedra do Garrafão, em Mimoso do Sul, num parque aquático.

A proposta é defendida pela prefeita de Mimoso do Sul, Flávia Cysne, presidente do Consórcio da Região dos Vales e do Café, grupo turístico que reúne seis municípios.

Segundo ela, a área alagada pela represa da usina pode receber estrutura para atividades de lazer, como passeios de pedalinho e lanchas, pesca profissional, playground, piscina, quadras de jogos, além de restaurantes e pousadas.

Flávia já levou um grupo de pessoas para visita técnica em Mucurici, município de 5,6 mil habitantes situado no Norte do Estado, que criou um balneário de água doce a partir de um córrego e atrai milhares de turistas.

Peixes somem, dizem os pescadores

Quem vive da pesca reclama que os peixes estão desaparecendo e o rio sumindo. A situação piorou, segundo os pescadores, a partir de 2009, com a abertura da Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Pedra do Garrafão, na localidade de Limeira, em Mimoso do Sul.

“Antes, as pessoas vinham de

longe pescar aqui. Hoje em dia, quem vive da pesca está passando dificuldade”, disse o vice-presidente da colônia de pesca Z-14, Alcidimar da Cruz Mota.

Além disso, ele ressalta que o nível do rio está baixando. “Em algumas épocas, a usina retém a água e o rio fica seco, os barcos enca-

lham”, alertou.

A empresa Neoenergia, que administra a PCH, garante que estudos comprovam que não houve redução de peixes. Afirma que ocorreu migração natural dos cardumes, que atualmente estão distribuídos ao longo do rio e não nos locais onde os pescadores estavam

acostumados.

Ainda segundo a companhia, a redução do volume de água não tem relação com a PCH que é uma “usina a fio d’água” e mantém somente uma reserva de água para evitar que o gerador pare na estiagem. No período de seca, a comporta é aberta para rodar as máquinas.